

A ORIENTAÇÃO SOCIOLÓGICA PARA A ANÁLISE DA LÍNGUA: POSIÇÕES METODOLÓGICAS NOS ESCRITOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Rodrigo Acosta Pereira¹

RESUMO: Na pesquisa em tela, objetivamos apresentar uma discussão de ordem teórico-epistemológica e metodológica acerca da orientação sociológica para a análise da linguagem à luz das posições de Bakhtin e Volochínov, intelectuais que, dentre outros, instituem o Círculo de Bakhtin. Para tanto, revisitamos alguns dos escritos de ambos estudiosos, buscando não apenas explicitar aspectos conceituais em torno da interação verbal como realidade da língua, mas, sobretudo, delinear as considerações metodológicas para a análise da linguagem em situações de interlocução específicas. Acreditamos na relevância do estudo, não apenas em função do diálogo que se instaura com pesquisas de âmbito enunciativo-discursivo nos campos da Linguística e da Linguística Aplicada, como, em divergência a algumas posições, ratifica a proposta de um caminho metodológico para a análise da língua nos escritos do Círculo.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin; Volochínov; Análise da língua; Metodologia.

ABSTRACT: In this essay, we present a theoretical-epistemological and methodological discussion about the sociological orientation for the analysis of language in light of the positions of Bakhtin and Volochínov, intellectuals who, among others, institute the Bakhtin Circle. In order to do so, we revisited some of the writings of both scholars, seeking not only to explain conceptual aspects about verbal interaction as a reality of language, but, above all, to delineate methodological considerations for the analysis of language in specific situations of interlocution. We believe in the relevance of the study, not only in light of the dialogue that is established with enunciative-discursive research in the fields of Linguistics and Applied Linguistics, as, in divergence to some positions, ratifies the proposal of a methodological path for the analysis of Language in the writings of the Circle.

KEYWORDS: Bakhtin; Volochínov; Language analysis; Methodology.

Introdução

Diversas pesquisas em Linguística e em Linguística Aplicada têm procurado investigar a linguagem à luz dos escritos do Círculo de Bakhtin. Embora sob ângulos diferentes, tais pesquisas se encontram no reconhecimento da *interação verbal* como *locus* de constituição da linguagem e do sujeito. A partir dessa consideração, objetivamos apresentar uma discussão em torno da orientação sociológica para a análise da língua proposta pelo Círculo.

Dessa forma, para alcançar o objetivo proposto, nosso percurso de discussão segue

¹ Doutor em Linguística. Professor na UFSC.

as seguintes etapas: (i) seção de introdução; (ii) seção que busca reenunciar as discussões dos autores sobre orientações filosófico-linguísticas em torno da linguagem; (iii) seção sobre a compreensão da interação verbal como realidade concreta da língua; e, ao final, (iv) uma seção sobre a análise enunciativa das formas linguísticas. Reiteramos que a presente discussão visa a delinear a orientação sociológica para a análise da língua proposta pelo Círculo, ratificando as ideias de que a língua deve ser compreendida nas relações intersubjetivas que institui (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929]) e que uma proposta metodológica de orientação sociológica deve observar o fenômeno da linguagem na concretude do seu meio social (BAKHTIN, 1998 [1975]; 2003[1979]; BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929]).

2 As orientações do pensamento filosófico-linguístico: o conceito de língua(gem)

Bakhtin; Volochínov (2006[1929]) explicam que na Filosofia da Linguagem e nas divisões conceituais da Linguística Geral², podemos nos deparar com a presença de duas orientações fundacionais acerca da linguagem: (i) uma orientação na qual o psiquismo é a fonte da língua e (ii) uma orientação na qual o centro organizador de todos os fatos da língua situa-se no sistema linguístico. A primeira orientação, os autores denominaram de *subjetivismo idealista*; a segunda, por sua vez, intitularam de *objetivismo abstrato*.

Em relação à primeira orientação, Bakhtin; Volochínov (2006[1929], p. 74-75) pontuam que “[o subjetivismo idealista] interessa-se pelo ato de fala, de criação individual, como fundamento da língua [...]. O psiquismo individual constitui a fonte da língua.” E ainda reiteram que:

- (1) A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.
- (2) As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual.
- (3) A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística.
- (4) A língua, enquanto produto acabado (“ergon”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas com vistas a sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 74-75, grifo dos autores).

² Os autores estão pensando sobre a Linguística de sua época, início do século XX.

Em síntese, para os autores, a concepção de língua à luz do ideário subjetivista idealista situa-se em torno da criação linguística individual do sujeito, ou seja, o foco está na individualização estilística da língua e na primazia do estilístico sobre o gramatical, ideias advogadas por Humboldt, Croce e Vossler, por exemplo.

Quanto à segunda orientação, Bakhtin; Volochínov (2006[1929], p. 79) pontuam que, em relação ao objetivismo abstrato, “[...] o centro organizador de todos os fatos da língua [...] situa-se, ao contrário, no sistema linguístico.” Enquanto que para a primeira orientação, a língua gira em torno de atos individuais de fala, para a segunda orientação, o sistema linguístico é o gerenciador de todos os fatos da língua. Dentre outras questões, os autores postulam, em oposição ao subjetivismo idealista, as seguintes considerações:

- (1) A língua é um sistema estável, imutável, de fórmulas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta.
- (2) As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva.
- (3) As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos [...].
- (4) Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas [...]. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 85).

Como podemos observar, à luz da segunda orientação, a língua é concebida como um sistema convencional, arbitrário e imanente, essencialmente caracterizado pelo ideário racionalista. Dada a língua como uma unidade com lógica interna, independente das significações ideológicas que a ela se liga, para os autores, “[...] a escola de Genebra, com Ferdinand de Saussure, mostra-se como a mais brilhante expressão do objetivismo abstrato [...]” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 86-87).

Postuladas as considerações acerca das duas orientações filosófico-linguísticas, Bakhtin; Volochínov apresentam suas considerações em torno da realidade da língua – não exteriorizada como representação de um pensamento individual, nem como um sistema convencional regido por normatizações internas, caracterizações acerca do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato, respectivamente, mas, esclarecem que “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação [...]” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 116). Em reação-resposta às tendências filosóficas do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato, Bakhtin; Volochínov⁴ afirmam que:

- (1) A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma

- abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta* da língua.
- (2) A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*.
 - (3) As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente *leis sociológicas*.
 - (4) A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e dos valores ideológicos que a ela se ligam* [...].
 - (5) A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é uma *contradictio in adjecto*. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 131-132, grifo dos autores).

A partir das considerações teórico-metodológicas acima, podemos compreender que, para Bakhtin; Volochínov, o estudo da língua ancora-se, sobretudo, na situação de interação. O uso da língua se realiza na forma de enunciados concretos e as dimensões e as formas desses enunciados são determinadas pela situação de interação. Em outras palavras, “[...] a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal (isto é, as outras enunciações).” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 129). Dessa forma, a realidade concreta da língua engendra-se na interação verbal. Bakhtin; Volochínov (2011[1926], p. 164, grifo dos autores) assim sintetizam:

A palavra é um evento social, não está centrada em si mesma como certa magnitude linguística abstrata, nem pode ser psicologicamente deduzida da consciência do falante subjetiva e ilhada. É por isso que o enfoque linguístico-formal e o psicológico disparam assim mesmo fora do neutro: a essência concreta e sociológica da palavra, a única que é capaz de convertê-la em verdade ou em mentira, em vil ou em nobre, em necessária ou em inútil, vista segundo estas duas perspectivas incompreensível e inacessível. Naturalmente a *alma social* da palavra também se desenvolve artisticamente como significante: bela ou disforme. Ainda que ao submeter-se ao enfoque principal mais concreto, que é o sociológico, os dois pontos de vista abstratos – o linguístico-formal e o psicológico – conservam sua importância. Sua colaboração é inclusive necessária, porém em si mesmos, tomados isoladamente, estão mortos.

Essa posição dos autores nos conduz a olhar a língua sob *matizes sociológicos* – a rota que seguiremos na próxima seção.

2 A interação verbal como realidade concreta da língua: o caminho metodológico

Bakhtin; Volochínov (2006[1929]) pontuam repetidamente que a comunicação verbal não pode ser compreendida desvinculada da interação. Para os autores, “a comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção.” (p. 128). É sob a matriz dessa afirmativa que os autores postulam as *diretrizes metodológicas para o estudo da língua*:

- (1) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
- (2) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, isto é, as categorias de ato de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
- (3) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 128-129).

Como podemos visualizar, as etapas acima orientam o pesquisador para a análise da língua sob a ordem do social para o linguístico, isto é, o analista inicia das formas e dos tipos de interação para o exame das formas da língua, ratificando o pressuposto de que a comunicação verbal só pode ser explicada a partir do vínculo com a situação concreta de interação. Além disso, as diretrizes metodológicas delineadas acima nos conduzem a olhar para outros conceitos que ascendem nos escritos dos autores: *enunciado* e *gênero do discurso*. Dado que é comum ao estudo da língua sob o viés sociológico do Círculo a recorrência aos diversos conceitos outros que ascendem nesse quadro teórico, neste momento, haja vista nosso objetivo, circunscrevemos nossa discussão em torno dos dois previamente mencionados. Assim, podemos compreender que, *na perspectiva sociológica, a unidade de análise é o enunciado*, e não língua como representação psíquica ou como sistema convencional e arbitrário, na forma de palavras ou orações isoladas, por exemplo (Cf. seção 02).

A partir disso, posto que a *1ª etapa metodológica* é o estudo das formas das interações verbais em ligação com as condições concretas em que se realizam, a análise da esfera de atividade humana e do cronotopo passam a ser rotas iniciais de investigação por parte do pesquisador. Conforme pontuam Acosta-Pereira (2008; 2012) e Rodrigues (2001; 2005), analisar o enunciado sob a ordem dos estudos do Círculo implica se posicionar primeiramente sob o horizonte social deste enunciado, aspirando à compreensão da esfera onde se produz, circula e se recebe (se interpreta) esse enunciado e de seu cronotopo, que não apenas diz respeito à situação social ampla (as conjecturas sociais, históricas, culturais, políticas, etc), como, por conseguinte, a situação social

imediate (os interlocutores e seus horizontes ideológico-valorativos). Em outras palavras, ao estudar as formas e tipos de interação verbal, o pesquisador encontra-se à procura de compreensão acerca da dimensão social do enunciado (RODRIGUES, 2001; 2005).

Em relação à 2ª etapa metodológica, podemos entender que Bakhtin; Volochínov (2006[1929], p. 129) ao abordarem a explicação sobre “[...] as formas das distintas enunciações em ligação estreita com a interação [...]”, de fato, estão remetendo aos gêneros do discurso, enunciados relativamente estáveis que se tipificam nas situações interativas e apresentam regularidades quanto ao conteúdo temático, estilo e composicionalidade. Ao investigar as “formas das distintas enunciações”, o pesquisador se depara com o gênero como referencial enunciativo-discursivo a partir do qual as interações se materializam e significam. Dessa forma, o gênero, “[...] determinado pela interação verbal” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 129) recebe o olhar analítico do pesquisador para, em relação direta com a análise da dimensão social, direcionar a rota analítica para as regularidades verbais e verbo-visuais do gênero. Em outras palavras, neste momento da análise, o pesquisador projeta sua visão para “[...] as dimensões e as formas [...]” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 129) do gênero do enunciado determinados pela situação de interação. Especificamente, quanto à análise da dimensão verbal, Rodrigues (2001) pontua que o pesquisador se depara com a análise do conteúdo temático do gênero do enunciado; seu estilo e suas projeções dialógico-estilístico-composicionais; sua arquitetônica; entre outras instâncias enunciativo-discursivas, sempre analisadas na sua interrelação (integrados à) com a dimensão social.

Ao final, na 3ª etapa metodológica, ao analisar “as formas da língua”, o pesquisador, sob o matiz sociológico, procura entender quais os sentidos que são agenciados no uso de determinadas formas linguísticas no gênero do enunciado. Dito de outra forma, o pesquisador, neste momento, conjugado às duas etapas anteriores e sob o matiz dessas etapas, analisará como os diversos recursos da língua (lexicais, gramaticais, fraseológicos, textuais, etc) são agenciados sob a baliza do gênero do enunciado. É o momento no qual o pesquisador “embrenha-se” na projeção a partir da qual as formas da língua engendram “potenciais de sentido” e tornam-se, como explicam Bakhtin; Volochínov (2006[1929]), temático-valorativas. Em síntese, como explica Volochínov (1993, p. 246-247), sob a ótica sociológica, podemos entender que “a essência efetiva da linguagem está representada pelo elo social com a interação verbal”, permitindo construir, segundo o autor, o seguinte esquema, que, por sua vez,

“[...] serve como um *guia* para a investigação da unidade real da língua, que chamamos de enunciação.” (VOLOCHÍNOV, 1993, p. 246-247, grifo nosso). Segue a proposta de Volochínov:

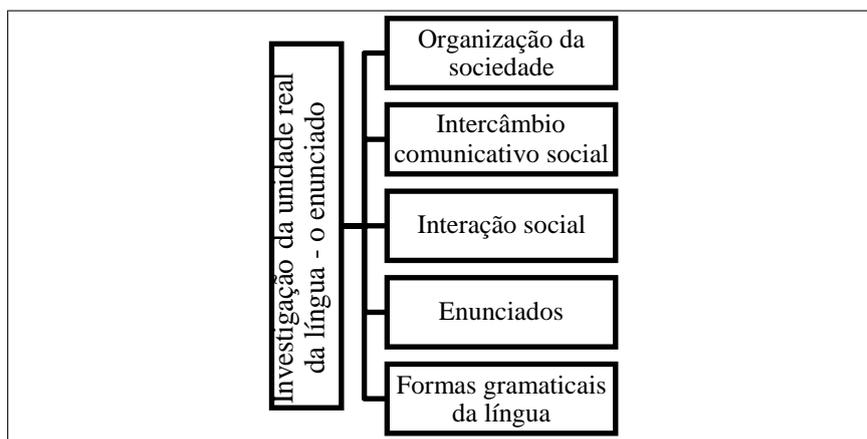


Figura 01 – Esquema proposto por Volochínov (1993, p. 247)

Sobre o esquema acima, segundo Volochínov (1993, p. 247), seguem alguns esclarecimentos. Para o autor, sob a ótica sociológica, é necessário (i) examinar o intercâmbio social (a esfera social)⁵ no qual o enunciado se constitui e funciona; (ii) compreender o conceito de interação verbal como “[...] a efetiva realização da vida real de uma das formas, de uma das variedades do intercâmbio comunicativo” (VOLOCHÍNOV, 1993, p. 247), ou seja, uma das situações específicas de interação no interior de uma dada esfera; (iii) analisar as formas típicas dos enunciados, os gêneros; e (iv) analisar as formas linguísticas à luz da baliza do gênero do enunciado integrado à situação de interação, à medida que “cada um dos tipos de intercâmbio comunicativo organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gramatical e estilística da enunciação [...]” (VOLOCHÍNOV, 1993, p. 248).

Em adição à presente discussão sobre as etapas metodológicas de análise da língua sob a ordem sociológica, Rojo (2005) assim esclarece:

[...] a *ordem metodológica de análise* que vai da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes [...]. Ao chegarmos nesse último nível de análise, vale a interpretação linguística habitual, isto é, as teorias e análises linguísticas disponíveis, desde que seguida a ordem metodológica que privilegia as instâncias sociais [...]. Dito de outra maneira, aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhes dos aspectos sócio-históricos da situação de enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e

principalmente sua apreciação valorativa sobre seus interlocutores e temas discursivos -, e, a partir desta análise, buscarão marcas linguísticas (formas do texto/ enunciado/ língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação. (ROJO, 2005, p. 199, grifo nosso).

Em consonância com a discussão de Rojo (2005), Brait (2006) explica que a metodologia proposta por Bakhtin para o estudo da linguagem, embora se apresente como uma abordagem diferenciada, não exclui a Linguística, pelo contrário, Bakhtin (2008a[1963]) entende que devem completar-se, mas não fundir-se. Dessa forma, como ratifica a autora, metodologicamente estaremos, em termos bakhtinianos, ultrapassando a materialidade linguística, procurando desvendar a articulação constitutiva que há entre o interno e o externo na linguagem. “O enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta, portanto, as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído.” (BRAIT, 2006, p. 13).

Além disso, cabe ressaltar que, no caminho metodológico bakhtiniano, não há categorias de análise *a priori* aplicáveis de forma sistemática a textos, discursos, gêneros, com a finalidade de entender uso situado da língua. Nos escritos do Círculo, há, na verdade, uma arquitetura das diferentes formas de conceber o enfrentamento dialógico da linguagem, que se constituem de movimentos teórico-metodológicos multifacetados. De fato, cabe ao pesquisador desbravar esse caminho, construindo, por conseguinte, uma postura dialógica diante de seu objeto discursivo (BRAIT, 2006). “A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem [...]” (BRAIT, 2006, p. 29). Sob essa orientação, Brait (2006) assim esclarece:

[Sob a orientação sociológica do Círculo direcionamo-nos a] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. Não há categorias a priori aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber o “enfrentamento dialógico da

linguagem” constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções. (BRAIT, 2006, p. 13-14, grifo da autora).

Em outro momento, a autora reitera,

[...] o maior ensinamento de Bakhtin [é] a atitude diante da linguagem que consiste não na aplicação de conceitos pré-estabelecidos a um *corpus* imobilizado pelas lúpas do analista, mas numa atitude dialógica que permite que os conceitos sejam extraídos do *corpus*, a partir de um constante diálogo entre a postura teórico-metodológica e a dinâmica das atividades, da linguagem e da rica parceria por elas estabelecida. [...] (BRAIT, 2007, p. 28).

Como podemos ver, Brait (2006; 2007) ratifica o pressuposto da inexistência de categorias pré-estabelecidas para a análise da língua-enunciado sob a ordem sociológica do Círculo. Rojo (2005), Rodrigues (2001) e Acosta-Pereira (2008; 2012), conforme supracitados nas seções anteriores, compartilham da mesma consideração, reiterando o postulado de que, é nas “idas e vindas” aos dados que as regularidades ascendem e não na aplicação de modelos de análise pré-estabelecidos, *imobilizando* a potencialidade discursiva dos dados. Assim, podemos compreender que, à luz dos escritos do Círculo, não há a possibilidade mecânica de operacionalizar conceitos pré-estabelecidos (modelos de análise), mas um movimento dialógico com os dados, “[...] um *continuum* cujo acabamento, mesmo que visível, é sempre inconcluso, e participa de uma dinâmica permanente que interroga o analista e o obriga a buscar, até mesmo em outras disciplinas, conceitos, noções, que possam ajudar na análise da complexa relação existente entre as atividades humanas e as atividades discursivas a elas afeitas.” (BRAIT, 2007, p. 30-31).

Assim, entendemos que o estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros do discurso é de importância fundamental para superar os estudos simplificados da vida do discurso, do fluxo discursivo da comunicação. É somente o estudo do enunciado como unidade real de comunicação discursiva, por exemplo, que nos permite compreender de modo claro a natureza das unidades da língua e seu emprego na forma de enunciados concretos. Acerca especificamente do estudo do enunciado e de suas formas relativamente estáveis, os gêneros do discurso, Bakhtin (2003[1979]) pontua algumas considerações metodológicas que, dados nossos objetivos de delinear rotas de análise da língua como objeto social e sua materialização concreta, reenunciamos abaixo:

- (1) O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana [esferas] é de enorme importância para quase todos os campos da linguística [...]. [...] *todo o trabalho de investigação de um material linguístico concreto [...] opera inevitavelmente com enunciados concretos* (escritos e orais [e de outras formas semióticas]) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação [...] de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam. Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso. *O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida.* (BAKHTIN, 2003[1979], p.264-265, grifo nosso).
- (2) Uma determinada função [...] e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. [...] os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros do discurso, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. [...] tanto *a questão metodológica de princípio quanto a questão geral relativa às relações recíprocas do léxico com a gramática, por um lado, e com a estilística, por outro, baseiam-se no mesmo problema do enunciado e dos gêneros do discurso.* (BAKHTIN, 2003[1979], p. 266-269, grifo nosso).
- (3) Pode-se dizer que a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto da linguagem: se o examinamos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinamos no conjunto de um enunciado individual ou do gênero do discurso já se trata de um fenômeno estilístico⁶. Porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico. *Mas esses dois pontos de vista sobre o mesmo fenômeno concreto da língua não devem ser mutuamente impenetráveis nem simplesmente substituir mecanicamente um ao outro⁷, devendo, porém, combinar-se organicamente (na sua mais precisa distinção metodológica) com base na unidade real do fenômeno da língua. Só uma concepção profunda da natureza do enunciado e das peculiaridades dos gêneros discursivos pode assegurar a solução correta dessa complexa questão metodológica.* (BAKHTIN, 2003[1979], p. 269, grifo nosso).
- (4) [...] o estudo do enunciado como *unidade real da comunicação discursiva* permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 269, grifo do autor).
- (5) A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da *real unidade* de comunicação discursiva – o enunciado. Porque o discurso⁸ só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo, *limites* absolutamente precisos. Esses limites, de natureza especialmente substancial e de princípio, precisam ser examinados minuciosamente. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 274-275, grifo do autor).
- (6) [...] é necessário abordar previamente o problema da *oração* como *unidade da língua* em sua distinção em face do *enunciado* como *unidade da comunicação discursiva*. [...]

A oração enquanto unidade da língua tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 277-278, grifo do autor).

- (7) Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado [...] reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia [...]. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 299).
- (8) *As unidades da comunicação discursiva – enunciados totais – são irreprodutíveis (ainda que se possa citá-las) e são ligadas entre si por relações dialógicas.* (BAKHTIN, 2003[1979], p. 335, grifo nosso).

Como podemos observar, os excertos nos conduzem a diversas reflexões de Bakhtin acerca da questão metodológica de análise da língua à luz da unidade de comunicação discursiva – o enunciado. Desde aspectos voltados inicialmente ao trabalho de seguir a ordem da vida concreta da língua em situações reais e vivas de interlocução, até as considerações do Círculo sobre a relação entre gramática, estilística e unidades da língua, as orações, e unidades do discurso, os enunciados. Além disso, em consonância com a visão de língua, o Círculo, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, delineiam especificações em torno da orientação ideológico-valorativa da língua em uso. Em outras palavras, Bakhtin; Volochínov (2006[1929], p. 198-202) preocupam-se, dentre outras questões, em desenhar o estudo do “[...] julgamento de valor inerente a toda a palavra viva, revelado pela acentuação e pela entoação expressiva da enunciação [...] a orientação apreciativa [e ideológica] do discurso. [Afinal] a palavra é um fenômeno ideológico por excelência [...]” Para os autores, é “indispensável observar as seguintes regras metodológicas” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 45, grifo dos autores):

- (1) *Não separar a ideologia da realidade material do signo [...].*
- (2) *Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social [...].*
- (3) *Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura).*

⁶ Convidamos o leitor para o estudo da referência BAKHTIN, M. Dialogic Origin and Dialogic Pedagogy of Grammar: Stylistics in Teaching Russian Language in Secondary School. *Journal of Russian and East European Psychology*. vol. 42. no 6. 2004 [1994]. p. 12-49.

⁷ Convidamos o leitor a (re)visitar o capítulo “O discurso em Dostoiévski”, em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, a fim de retomar a discussão de Bakhtin acerca das *relações lógicas e dialógicas*.

⁸ Convidamos o leitor para re)visitar o capítulo “O discurso em Dostoiévski”, em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, a fim de retomar a discussão de Bakhtin acerca do conceito de *discurso*.

Para o Círculo, todo signo é ideológico e, portanto, “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 33). Assim, as etapas metodológicas supracitadas direcionam o pesquisador para o entendimento de que, ao analisar a língua em uso, o pesquisador deve compreender que “a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 36) e, sobretudo, que

Porque o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entra no horizonte social do grupo e desencadeia uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material. Evidentemente, o arbítrio individual não poderia desempenhar aqui papel algum, já que o signo se cria entre indivíduos, no meio social; é, portanto, indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual, somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo. Em outras palavras, *não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social.* [...] O tema ideológico possui sempre um índice de valor social. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 46, grifo dos autores).

A partir dessa colocação dos autores, compreendemos que, em termos metodológicos, o estudo da língua em uso, realizada concretamente por enunciados, deve levar em consideração a orientação ideológico-valorativa desses enunciados, à medida que, para o Círculo, “[...] a plurivalência social do signo ideológico é um traço de maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices sociais de valores [posições axiológicas] que torna o signo vivo [...]” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 47).

Em adição às ideias de Bakhtin; Volochínov (2006[1929]), Bakhtin; Medviédev (2012[1928]) explicam que as concepções de mundo, as crenças, os ideais tornam-se realidade ideológica quando investidos por material semiótico. Dito de outra forma, para os autores, “[...] a criação ideológica e sua compreensão somente se realizam no processo da comunicação social. Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, *não podem ser estudados fora do processo social* [...]” (BAKHTIN; MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 49, grifo nosso). Assim, como pontuam Bakhtin; Volochínov (2006[1929]), para Bakhtin; Medviédev (2012[1928], p. 50), todo produto ideológico é parte da realidade social e se manifesta semioticamente, posto que “não importa o que a palavra signifique, ela, antes de mais nada, está

materialmente presente como palavra falada, escrita, impressa, sussurrada no ouvido, pensada no discurso interior, isto é, ela é sempre parte objetiva e presente do meio social do homem.” Os autores ainda reiteram que “a comunicação é aquele meio no qual um fenômeno ideológico adquire, pela primeira vez, sua existência específica, seu significado ideológico, seu caráter de signo.” (BAKHTIN; MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 50). De acordo com os autores, uma correta orientação filosófica geral para o social e a conseqüente necessária “precisão metodológica” sob esse olhar, podem ser dadas somente sob “o terreno do caráter sociológico dos fenômenos ideológicos” (p. 71). É preciso entender na palavra, “as forças e energias da vida ideológica e social.” (p. 82-83). Em síntese, “se nós [...] nos distanciamos das relações sociais que atravessam [o objeto ideológico] e das quais ele é uma das mais sutis manifestações, se o retirarmos do sistema de interação social, então, nada restará do objeto ideológico.” (BAKHTIN; MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 134).

Em relação à projeção valorativa de toda palavra (do signo ideológico, do enunciado, do discurso), Bakhtin; Medviédev (2012[1928], p. 183) pontuam que “[...] a avaliação social está presente em cada palavra viva [...]. Qualquer enunciado concreto é um ato social.” Além disso, dadas as orientações de Bakhtin; Medviédev, é metodologicamente impossível compreender o enunciado em sua realização concreta sem adentrar-se na atmosfera axiológica do meio ideológico. Com isso, “a avaliação social determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro [...]. No enunciado, cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social.” (BAKHTIN; MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 185). Como bem esclarece os autores, o analista deve procurar compreender, à luz do método sociológico que,

- (1) “A forma linguística é somente real na apresentação discursiva concreta, no ato social do enunciado.”
- (2) “Aos escolher as palavras, suas combinações concretas, sua localização [...], [o sujeito-autor] escolhe, compara, combina, justamente as avaliações nelas contidas.”
- (3) “[...] a língua é um sistema de avaliações sociais.”
- (4) “As possibilidades de uma língua tornam-se realidade somente por meio da avaliação”
- (5) “Uma combinação de palavras em um enunciado concreto [...] é sempre determinada pelos seus coeficientes de avaliação e pelas condições sociais de realização desse enunciado.” (BAKHTIN; MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 186-187)

Embora reconheçamos a importância de percorrer as diferentes obras do conjunto de escritos do Círculo, pontuamos nesta seção, excertos das discussões de Bakhtin; Volochínov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, publicado em 1929, ensaios de Bakhtin reunidos e publicados em 1979 na obra *Estética da Criação Verbal*, e

discussões em torno da poética sociológica na obra *O método formal nos estudos literários*, de Bakhtin e Medviédev, publicada em 1928, circunscrevendo nossa discussão em torno das rotas teórico-metodológicas de análise do enunciado, material concreto e vivo de uso da língua, sem, por obviedade, nos distanciarmos das relações dialógicas com outros textos do Círculo, pois como esclarece Bakhtin (2003[1979], p. 327), “a relação com o sentido é sempre dialógica. A própria compreensão já é dialógica.”

Portanto, dadas as discussões em torno do conceito de língua(gem) e das etapas metodológicas de análise da língua pontuadas pelo Círculo, direcionamos nosso ensaio para a discussão do Círculo em torno da análise das formas linguísticas, uma busca, como denominam Bakhtin; Volochínov (2006[1929]) pela *orientação sociológica de estudo da língua*.

4 O enunciado e as feições gramaticais: o olhar sobre as formas da língua

Bakhtin; Volochínov (2006[1929]), na 3ª parte de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, pontuam diversas reflexões em torno da análise das formas da língua, em especial, acerca do que chamaram *análise sintática do discurso* (p. 146). Inicialmente, a partir da observação de que as tradições linguísticas da sua época só focalizavam a fonética e a morfologia, especialmente os estudos do final do século XIX e início do século XX, Bakhtin; Volochínov (2006[1929]) afirmam que, de fato, são as formas sintáticas as formas linguísticas que mais se aproximam das realizações concretas da enunciação. Os autores ainda pontuam que “[...] um estudo fecundo das formas sintáticas só é possível no quadro da elaboração de uma teoria da enunciação. [...] A elucidação dos problemas mais elementares da sintaxe só é possível, também, sobre a base da comunicação verbal” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p 146-148). Ao final, esclarecem, os autores, o caminho argumentativo e analítico a ser empreendido nessa 3ª parte da obra: a análise do discurso de outrem. Na voz dos autores,

Os capítulos seguintes do nosso estudo são precisamente consagrados a um problema específico de sintaxe. [...] Acreditamos que um fenômeno assim altamente produtivo, “nodal” mesmo, é o do *discurso citado*, isto é, os esquemas linguísticos (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre), as modificações desses esquemas e as variantes dessas modificações [...]. Dotar de uma orientação sociológica o fenômeno de transmissão da palavra de outrem, tal é o problema a que nos vamos consagrar agora. Através desses problemas, tentaremos traçar os caminhos do método sociológico em linguística. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 149, grifo do autor).

Vamos, portanto, neste momento, procurar compreender as orientações do método sociológico à luz da análise das formas linguísticas do discurso citado. Nosso propósito não é apresentar uma discussão analítica exaustiva sobre as marcas e fronteiras linguísticas e enunciativo-discursivas do discurso citado, mas, dado nosso objetivo geral inicial, é buscar nessa discussão empreendida por Bakhtin e Volochínov orientações metodológicas de análise linguística sob a elucidação sociológica do Círculo.

Bakhtin; Volochínov (2006[1929]), ao tratar do discurso de outrem, estão, de fato, à procura da compreensão da reação-responsiva “da palavra à palavra” (p. 150), ou seja, à *busca de entender como o discurso do outro infiltra-se no discurso do autor (sujeito-autor, o falante), engendrando regras sintáticas, estilísticas e composicionais próprias e integradas aos propósitos da situação de interação*, conduzindo-nos ao entendimento da tese defendida em toda obra em questão de que “[...] a unidade real da língua que é realizada na fala não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 152). Sob esse horizonte, os autores explicam que as formas linguísticas agenciadas para o enquadramento e reenunciação do discurso do outro não são aleatórias ou vazias de significação social, mas, por outro lado, sofrem as tendências sociais estáveis das situações das quais fazem parte. Em outras palavras, as formas linguísticas agenciadas para a introdução do discurso de outrem, no intercurso discursivo são saturadas pelas forças sociais organizadas na interlocução. Os autores, a esse respeito, explicam que,

A língua não é reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes. Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto apresente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma [linguística] ou outra [...]. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 153).

Em termos metodológicos, os autores ainda esclarecem que, o verdadeiro objetivo de uma pesquisa de cunho sociológico deveria ser a interação dinâmica do discurso com o discurso de outrem, entendendo que “essa dinâmica, por sua vez, reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal.” (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 154). Em suma, integrar o estudo do discurso ao contexto no qual o discurso se realiza.

Podemos entender que as orientações acima pontuadas podem ser reacentuadas como caminhos para a análise de outras manifestações da língua, isto é, dadas as orientações de análise do discurso de outrem sob o olhar sociológico do Círculo, podemos, como analistas, (re)dimensioná-las para o estudo de outras manifestações da língua em uso. Em termos de análise linguística, os autores pontuam, inicialmente, duas orientações de estudo da dinâmica entre o discurso narrativo e o discurso citado, que, dado nosso objetivo nesta discussão, serve como exemplificação da orientação sociológica para análise das potencialidades de sentido dos recursos linguísticos. Segundo Bakhtin; Volochínov (2006[1929], p. 155-157), a língua pode (i) “esforçar-se por delimitar o discurso citado” e (ii) “elabor[ar] meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem.”. Esquemáticamente, poderíamos assim compreender:

- (1) Enquadramento e reenuniação do discurso de outrem de *estilo linear*: “A língua pode esforçar-se por delimitar o discurso citado com fronteiras nítidas e estáveis. Nesse caso, os esquemas linguísticos e suas variantes têm a função de isolar mais clara e mais estritamente o discurso citado, de protegê-lo de infiltração pelas entoações próprias ao autor, de simplificar e consolidar suas características linguísticas individuais.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 155).
- (2) Enquadramento e reenuniação do discurso de outrem de *estilo pictórico*: “A língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem [...]. Sua tendência é atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 156-157).

O que a breve síntese nos possibilita observar é como *a análise das formas da língua, à luz da orientação sociológica, nos conduz a compreender o agenciamento de recursos linguísticos à luz da potencialidade semântica integrada à situação de interação*. Dito de outra forma, a orientação sociológica de análise da língua delineada pelo Círculo, nos conduz, dentre outras questões, a entender que todo uso da língua é situado e, portanto, “as expressões, as particularidades estilísticas do discurso, a coloração lexical, etc., são distintamente percebidas e têm significação social.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 155). Em outra discussão, Bakhtin (2004[1994], p. 12) assim esclarece: “não podemos estudar as formas gramaticais sem constantemente considerarmos sua elucidação estilística. Quando a gramática é isolada

dos aspectos semânticos e estilísticos do discurso, torna-se uma escolástica.”⁹ O autor ainda esclarece:

[...] qualquer forma gramatical deve também ser considerada sob o olhar de seu potencial representativo e expressivo, ou seja, a estilística deve ser elucidada e avaliada. Quando estudamos certas áreas da sintaxe [...] essa elucidação estilística é absolutamente essencial. Por exemplo, em termos de formas sintáticas substituíveis em situações onde o falante pode escolher entre uma ou outra forma sintática gramaticalmente equivalente, a escolha, nesses casos, não é determinada por aspectos restritamente gramaticais, mas por circunstanciais estilísticos¹⁰. (BAKHTIN, 2004[1994], p. 12-13).

Nessa discussão de Bakhtin, publicada primeiramente em 1994 e, em uma 2ª edição, em 2004¹¹, traz uma reflexão acerca das formas linguísticas e a orientação para, o que o autor, denomina *elucidação estilística*, o que podemos compreender como um olhar situado para as formas gramaticais, explicação que converge com a análise empreendida no texto de 1929, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

Dessa forma, a análise proposta pelos autores, na 3ª parte de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e as considerações acerca da *elucidação estilística* projetam não apenas um quadro analítico condizente com os pressupostos teórico-conceituais e metodológicos delineados nas 1ª e 2ª parte de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, como, dados os elos epistemológicos concebidos sob o matiz da língua como objeto social, engendram-se em relações dialógicas com as demais obras no conjunto dos escritos do Círculo, conforme conduzimos nas seções prévias deste presente estudo, sob o âmbito dos conceitos de *enunciado* e *gêneros do discurso*. Reenunciando os autores e retornando o objeto de discussão do início deste ensaio – os conceitos de língua e de enunciado - a orientação metodológica de estudo linguístico sob o olhar sociológico do Círculo de Bakhtin permite que compreendamos que,

A língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta. É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma realidade. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p. 160, grifo nosso).

⁹ Tradução nossa.

¹⁰ Tradução nossa.

¹¹ Ensaio escrito em meados da década de 1960.

Considerações finais

Ao final, apontamos algumas considerações que nascem como reação-resposta aos escritos do Círculo em relação ao estudo da língua:

- (a) a *concepção de língua* desloca-se das posições subjetivista idealista e objetivista abstrata e assenta-se sob o olhar da interação verbal;
- (b) a *situação de interação verbal*, no interior das diversas *esferas* de atividade humana, não apenas integra-se ao *enunciado*, conferindo-lhe o sentido e seus limites de acabamento circunstancial, como, por conseguinte, relativamente estabiliza esses enunciados em formas típicas;
- (c) as formas típicas dos enunciados são os *gêneros do discurso* que não apenas regularizam nossas interações sociais, como, sobretudo, as significam;
- (d) os gêneros são enunciados relativamente estáveis, ideológico e valorativamente engendrados e caracterizam-se por apresentar *feições* linguísticas e enunciativo-discursivas *típicas*;
- (e) *o estudo das feições linguísticas e enunciativo-discursivas* dos enunciados sob o horizonte do método sociológico do Círculo prevê que:
 - (e1) a unidade de análise desconjunta-se *da* palavra ou oração *para* o enunciado.
 - (e2) o *enunciado* seja considerado como unidade de comunicação social e, integrado às conjecturas da interação, materializa-se na forma típica de gêneros do discurso;
 - (e3) as etapas de análise transitam *do* social (as formas e tipos de interação e das enunciações) *para* o verbal (as formas linguísticas em sua interpretação habitual).
 - (e4) a *análise das formas linguísticas* devem aceder a elucidação estilística e o desvelar sociológico.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, R. *O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda*. Tese (Doutorado em Linguística). UFSC, PGLg, Florianópolis-SC, 2012.

_____. *O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFSC, PGLg, Florianópolis-SC, 2008.

BAKHTIN, M. M. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1998 [1975].

_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

_____. Dialogic Origin and Dialogic Pedagogy of Grammar: Stylistics in Teaching Russian Language in Secondary School. *Journal of Russian and East European Psychology*. [S.1]. v. 42, n. 6, p. 12-49, 2004 [1994].

BAKHTIN, M. M; MEDVEDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução do russo por Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

_____. A palavra na vida e na poesia: introdução aos problemas da poética sociológica (1926). In: _____. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011, p. 145-181.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-32.

_____. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, M. R. do; BARONAS, R. (Org.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. 3. ed. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2007, p. 19-32.

RODRIGUES, R. H. *A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

_____. Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Org.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas. In: MEURER, J. L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

VOLOSHINOV, V. N. La construcción de la enunciación. In.: SILVESTRI, A;
BLANCK, G. *Bajtín y Vigotsky: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona:
Anthropos, 1993[1929]. p. 217-243.